
Os portugueses no mapa étnico dos Estados Unidos (1970-80)

Entrevista com James Ito-Adler

Graça Índias Cordeiro

Iscte, Instituto Universitário de Lisboa
Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte) e projeto ExPORT, ICS-UL/ FCT REF.
2022.08653.PTDC, Lisboa, Portugal

OEm Conversations With 39

maio de 2026

James P. Ito-Adler, antropólogo social (PhD, Harvard), tem uma longa carreira dedicada ao ensino e investigação em instituições como Florida Internacional University e Harvard University, entre outras. Nos últimos anos, tem-se envolvido com ONGs, desenvolvendo o campo da *international education*. Com experiência de trabalho de campo entre imigrantes portugueses em Cambridge e Somerville, Massachusetts, famílias japonesas no Brasil, e comunidades indígenas do Alaska, é o autor de um estudo inédito sobre os imigrantes portugueses nos EUA na década de 1970, num dos períodos de maior migração entre os Açores e a Nova Inglaterra. Este estudo – *The Portuguese of Cambridge and Somerville* (Cambridge Department of Community Development, 1980) que esteve na base da conversa que se segue, está em fase de publicação pelo OEm.

Palavras-chave portugueses nos EUA, Cambridge & Somerville, Massachusetts, identidade e etnicidade, antropologia urbana e aplicada, língua portuguesa.

Title James P. Ito-Adler, a social anthropologist (PhD, Harvard University), has had a distinguished career in teaching and research at institutions including Florida International University and Harvard University. In recent years, he has worked extensively with NGOs, advancing the field of international education. With extensive fieldwork experience ranging from Portuguese immigrants in Cambridge and Somerville, Massachusetts, to Japanese families in Brazil and indigenous communities in Alaska, Dr. Ito-Adler is the author of a seminal study on Portuguese immigrants in the U.S. during the 1970s – a period of peak migration between the Azores and New England. This study, *The Portuguese of Cambridge and Somerville* (Cambridge Department of Community Development, 1980), serves as the foundation for the following conversation and is currently being prepared for publication by the OEm (Observatório da Emigração).

Keywords Portuguese in the US, Cambridge & Somerville, Massachusetts, identity and ethnicity, urban and applied anthropology, Portuguese language.

Divulgação pública autorizada

O Observatório da Emigração incentiva a divulgação de seu trabalho. É permitido copiar, descarregar ou imprimir este conteúdo para uso pessoal e profissional, bem como incluir excertos desta publicação em documentos, apresentações, blogues, sítios e materiais de ensino, desde que o Observatório da Emigração seja devidamente identificado como fonte.

Observatório da Emigração

Av. das Forças Armadas, ISCTE-IUL, 1649-026 Lisboa, Portugal

Tel. (CIES-IUL): + 351 210464018

E-mail: observatorioemigracao@iscte-iul.pt

www.observatoriodaemigracao.pt

Observatório da Emigração (à frente OEm) – Jim, vou falar em português, mas podes falar em inglês, ou misturar com o português como nós fazemos habitualmente...O que for mais confortável para ti.

James Ito-Adler (JIA) – Pois não. Você sabe que esse é um dos assuntos. O meu português é do Brasil, oral, não académico. A linguagem académica, por um lado, é mais ou menos fácil porque a terminologia é parecida, umas vezes é em latim e não é longa, mas o estilo académico em português não podia ser mais longe do meu estilo de falar e pensar em português. Então, eu posso fazer a coisa em português para você corrigir sem perder o sabor do meu pensamento, mas apenas para facilitar a compreensão do leitor que não é tão confortável com o inglês. Mas vou deixar nas mãos de você e da editora. Como você sabe, a maior parte da literatura sobre portugueses, aqui, é em inglês; os portugueses não se interessavam pela colónia daqui, e tanto quanto sei, não havia estudiosos académicos de Portugal fazendo pesquisa aqui, ou havia muito pouco, naquela época, década de 1970.

OEm – Vamos começar por aí: o teu estudo de 1972 sobre os portugueses em Cambridge é um dos primeiros estudos,¹ anterior a outros que vieram depois, como o “clássico” de Leo Pap sobre os *Portuguese-Americans*,² de 1981. E quase todos fazem referência ao teu estudo, que foi pioneiro, apesar de não ter sido publicado e por isso ter tido uma circulação quase apenas local.

JIA – Pois é. Esse é um ponto importante. Havia algumas obras – *The Zone of Emergence* que refere os portugueses,³ apesar de eles não serem o alvo; o estudo de Donald Taft e alguns outros autores mais recentes,⁴ como Laurinda Andrade...⁵ O livro de Leo Pap que usei foi o de 1949, sobre a fala *Portuguese American*.⁶ E, claro, Francis Rogers, professor de português em Harvard, e John Jensen, que foi um *graduate student*, que fez uma tese de linguística, mas que recolheu dados sobre a história da migração portuguesa. Eu dei todo o crédito a John Jensen que me

¹ James Adler, 1972 “The Portuguese. Ethnic Minorities in Cambridge”, Cambridge, Planning and Development Department, City of Cambridge, Mass. (policopiado)

² Leo Pap, 1981 *The Portuguese Americans*. Boston: Twayne Publishers

³ Robert A. Woods and Albert J. Kennedy, 1969 *The Zone of Emergence: Observations of the Lower Middle and Upper Working-Class Communities of Boston, 1905–1914*. 2d ed. Cambridge, MA: MIT Press

⁴ Donald Reed Taft, 1969 *Two Portuguese Communities in New England*. New York: Arno Press and New York Times (Ph.D. diss., Columbia, 1923)

⁵ Andrade, Laurinda C., 1968 *The Open Door*. Reynolds-De Walt

⁶ Leo Pap, 1949 “Portuguese-American speech; an outline of speech conditions among Portuguese immigrants in New England and elsewhere in the United States, New York, King’s Crown Press

disponibilizou a sua tese não publicada para eu utilizar. Sobre o professor Francis Rogers, usei um estudo sobre o dialeto de São Miguel na sua relação com o português “standard”.⁷

Mas começando pelo primeiro fato, o mais importante de todos: em 1971 eu era recém-regressado do Brasil, buscando emprego, e fui ter com uma ONG em Central Square (Cambridge, MA) para fazer uma entrevista de emprego, e me perguntaram: “Você tem algum talento? Alguma coisa especial, fora do comum?”, “Bem, eu falo português.”, “Ah! Fala português? Então talvez lhe interesse ir à East End House”, que é uma das *settlement houses* daquele tipo das referidas no livro *Zone of Emergence*, fundada por Margaret Fuller, a *Fuller House*. Então fui lá, em East Cambridge, que nessa época era, politicamente falando, a terra de Alfredo Velucci, que era um chefe. E ele tinha uma senhora que trabalhava no East End House, não como diretora, mas que cuidava dos seus interesses, para ele não ter problemas. Ele era o dono dos portugueses, politicamente falando. Teve uns concorrentes, um fotógrafo, Eduardo Pacheco, e também Manny Rogers, um dos líderes da comunidade, que tentaram ser eleitos como conselheiros (do *City Council*), mas que fracassaram sempre.

OEm – Nessa época, Velucci era o *Mayor* de Cambridge?

JIA – Bom, *Mayor* é uma figura meio fraca. *Mayor* é eleito não pelo povo, mas pelos conselheiros, do *City Council*. Aqui em Cambridge você não vota diretamente no *Mayor* e por isso ele não tem muita força política. É quase só cerimonial, não é como o *Mayor* de Boston que é eleito diretamente, e que é muito forte. Aqui em Cambridge é o *City Council* que tem todo o poder. Velucci era membro do *City Council*, e Pacheco e Manny Rogers tentaram ser eleitos para este Conselho, mas nunca conseguiram. Os portugueses nunca chegaram a eleger um português, ou filho de português, como conselheiro, nunca. E Velucci era dono de toda aquela região, East Cambridge, área onde havia muitos portugueses na época, junto com Italianos e outros grupos étnicos. Então, essa senhora que trabalhava no East End House, que se chamava Jean de Pasquale, era italiana, e eu tinha de conversar com ela para ela ficar a saber que eu não ia criar problemas e que os meus interesses não tinham nada a ver com política em si. Então, do East End House fui mandado para o *Planning and Development Department*, que foi quem encomendou o primeiro estudo que acabei fazendo, em 1972. Entre os dois estudos, em 1972 e 1977, este departamento mudou o nome para *Cambridge Community Development Department*, mas era o mesmo grupo, a mesma repartição, só mudou o nome. Conversei com eles, eles ficaram interessados no estudo, e arranjam um dinheirinho – bom, naquela época, era um dinheirão, 3000 dólares, o que para mim era uma fortuna, está entendendo? Eu estava só buscando um

⁷ Francis M. Rogers, 1940 “The Pronunciation of the Madeira and Azores Dialects as Compared with Standard Portuguese.” Ph.D. thesis. Cambridge MA: Harvard University

trabalho. E no outono de 71 conheci Linda, que depois, em 1972, se tornou minha esposa. E então, tudo aconteceu muito rápido...

OEm – Já eras antropólogo nessa época?

JIA – Eu já me considerava um antropólogo formado. Quer dizer, eu fiz o meu curso na University of Pennsylvania, que eu acho que até era melhor do que Harvard em antropologia, pois tinha um departamento muito forte. Harvard era forte em arqueologia, e eu era em antropologia cultural. Harvard era dominado pelos britânicos, era mais Antropologia Social – você entende a diferença. E durante os meus anos no *Peace Corps*, no Nordeste, em Pernambuco, Brasil, entre 1968 e 1970, eu já era antropólogo. Todo mundo me conhecia como “o antropólogo”. Regressei a Cambridge em 1971.

OEm – E aprendeste português em Pernambuco?

JIA – Sim, um português oral, analfabeto, porque a maioria do povo com quem trabalhava era analfabeto, ninguém lia, nem jornal, nem revista, nada. Brincando, eu digo que aprendi português “na marra e na mata”: na zona da mata em Pernambuco um sotaque do interior, e na marra, quer dizer informalmente e não num curso, não na faculdade. A gente tinha três meses de aulas em português, no *Peace Corps Training*, tudo oral, não tinha livro não tinha coisas escritas. Tivemos um treino de seis semanas em Milwaukee, onde antropólogos de porte chegaram para dar palestras sobre o Brasil, inclusive George Foster, famoso pelos seus estudos de camponeses, Sydney Greenfield, e outros que chegaram para dar palestras durante o nosso treino, como Carlos Lacerda. Porque a Universidade de Wisconsin, Milwaukee, tinha Sydney Greenfield, e mais dois professores marxistas que trouxeram Lacerda. Quer dizer, foi um treinamento incrível! E depois fomos para o interior de Pernambuco, em Carpina, PE. Em Milwaukee, estudamos com professores brasileiros, a maioria não falantes de inglês, uma cozinheira baiana, então, a gente tinha de conversar em português ou passava fome. Muito, muito, muito bem feito, por isso o meu português na rua é muito melhor do que na universidade. Eu estou mais confortável a falar português na rua do que em ambientes acadêmicos.

E, na realidade, os açorianos quase nunca tiveram problemas em entender a minha fala. Já eu não posso dizer o mesmo! Eu não sei qual foi a sua experiência com esses micalenses da outra geração, o sotaque micalense é um trabalho mesmo para portugueses! Totalmente. E já misturado com o inglês. E a frase que eu mais me lembro...vou contar. A maioria dos portugueses não tinha contato com os serviços sociais de Cambridge, mas havia uma exceção: a Senhora Barbosa, famosa na cidade. Ela utilizava tudo que tinha de graça, aí ela chegava quase diariamente no East End House reclamando, queixando-se, pedindo serviços e tudo isso. E ela chegou lá e disseram-me: “Oh, James, agora é a sua vez, conversa com ela”. Nossa! E ela chegou com raiva falando o português miguelense, e eu me lembro de uma frase. “Tam pártmante com três

riumes.", e repetia "...três riuemes" Bom, graças a Deus eu entendi. Aí eu falei, "*she says she lives in an apartment with three rooms*". Todos ficaram satisfeitos. Daí fui lá para a *City*, a prefeitura, que disseram que tinham os recursos para um estudo sobre os portugueses, mas avisaram-me que não podiam fazer um contrato sem eu ter uma recomendação de que eu era capaz de fazer isso. Então, eu já conhecia o Professor Francis Rogers, e fui ter com ele em Harvard e expliquei-lhe que tinha arranjado dinheiro para fazer uma pesquisa sobre os portugueses. E ele falou assim: "Que felicidade! Eu estava buscando dinheiro para os meus alunos fazerem pesquisa aí...". Mas aí eu disse: "Professor, não, esse aqui é meu projeto, fui eu que o fiz." E ele foi lá ao departamento nas minhas costas..., mas eles disseram: "Não, ou James ou mais ninguém." Então ele...bem, ele não gostava de mim: não gostava de antropologia, não gostava do Brasil, não gostava do português brasileiro. Tinha um monopólio no Departamento de *Romance Languages*, em Harvard; nessa época, nem um brasileiro dava aulas ali. E ele era o chefe de português, e era tudo português de Portugal, Camões, literatura nobre de Portugal. No início houve atrito entre nós, mas, para dizer a verdade, depois desse encontro, nós fizemos as pazes. Finalmente ele mudou a sua perspectiva, lançou aquele livro – *The Atlantic Islanders...*⁸ Um livro que ele publicou sobre Açores e Madeira; ele e o Jensen publicaram uma bibliografia, e no fim, ele deu aulas na *Extension School*, não dentro dos currícula de Harvard em si, mas na *Harvard University Extension School*. Ele organizou um curso à noite sobre os portugueses dos Estados Unidos e me convidou a dar uma palestra. Depois desse primeiro encontro, ele me tratou muito bem.

OEm – E fez-te a tal recomendação para o *Department of Planning and Development* da cidade de Cambridge?

JIA – Ele não tinha como fugir. Então, eles arrumaram isso e fizeram-me o contrato.

OEm – E o estudo foi feito em quanto tempo?

JIA – Mais ou menos seis meses. Fizemos a pesquisa no Verão. Tinha conhecido o pessoal de COPA.⁹ E conheci Margarida Serpa e Zélia Valente da *Foreign Language Referral Service*. Margarida não tinha emprego formal dentro da comunidade. Ela trabalhava no escritório de uma agência de seguros, eu acho. Mas, como voluntária, ela fazia tudo.

⁸ Francis Rogers, 1979 *Atlantic Islanders of the Azores and Madeiras*, North Quincy, MA: The Christopher Publishing House

⁹ Sigla de *Cambridge Organization of Portuguese Americans*, associação com finalidades de apoio aos imigrantes portugueses, fundada na cidade de Cambridge, MA, em 1970.

OEm – No teu estudo referes Filhos de Portugal, que foi organizado por ela?

JIA – Sim, eu acho que sim, foi ela quem organizou. Era um grupo folclórico, fizeram shows, apresentação na televisão. Todo o mundo conhecia Filhos de Portugal como organização de Margarida. Penso também que ela integrava o Conselho de COPA, que ela ajudou a fundar, e também a SPAL...¹⁰ Ela foi um apoio enorme nesta pesquisa, e a falta de referência ao seu nome nos agradecimentos ainda me dói, sinto que não reconheci bastante a sua contribuição. E a irmã mais velha, Mary Ghioni, foi muita ativa na comunidade, mais em Somerville, onde vivia.

OEm – Para além da Margarida, e da COPA, quem mais te ajudou?

JIA – Joel Oliveira, que era o padre e que me ajudou, oh, demais, demais, até! Fui conversar com ele, e ele dentro da missa falou: os jovens vão bater na sua porta, querendo fazer perguntas. Tá tudo bom, não tem nada de ver com o governo. Ajuda a eles, e tal, tal, tal.... Abriu as portas porque a igreja era uma força naquela época, a única organização da comunidade inteira. COPA estava entrando na comunidade, tomando terreno aos clubes tradicionais, Santo Cristo, Faialense, que eram aqueles clubes do Portugal tradicional. Santo Cristo era forte, fazia a procissão em Cambridge; COPA entrou do outro lado, aquela geração querendo se integrar, querendo ser eficaz no mundo americano. Mas naquela época eles ainda não eram tão fortes como vieram a ser mais tarde.

OEm – Como arranjaste os jovens para a recolha de dados do teu estudo?

JIA – Margarida ajudou. E o Professor Peter E. Siegle que estava na Lesley University, tinha um programa de *interns* (estágios) chamado *Making Community*. Ele arranjou um dinheirinho para pagar estudantes voluntários do *high school* (escola secundária) durante as férias de verão. Não havia estudantes na universidade. E contavam-se pelos dedos os estudantes da comunidade que frequentavam a escola. A irmã de Margarida, Clara, que eu me lembre, e Andrea, eu acho que a Andrea, a caçula, ela sozinha fez metade das entrevistas.

OEm – E aplicaram o questionário, porta a porta?

JIA – Sim esta metodologia era uma inovação. Dentro da área da pesquisa tentamos uma amostra de 100%. Utilizamos um mapa dos quarteirões e andamos de casa em casa, apartamento a apartamento. Deu certo por que as famílias estavam muito localizadas com divisões informais, bem claras, entre portugueses e hispânicos. Por isso falei da diferença entre população e comunidade. População eram os residentes legais de Cambridge – o alvo do estudo. Comunidade era

¹⁰ Sigla de *Somerville Portuguese American League*, associação semelhante à COPA, fundada em 1973 na cidade vizinha de Somerville, MA.

quem participava na vida social e cultural fossem ou não residentes em Cambridge ou Somerville. Mas quero enfatizar algo que tem de ficar muito claro: este estudo nunca foi concebido como um projeto acadêmico e, para o melhor e o pior, nunca teve repercussão nos meios acadêmicos. Nunca fiz nenhum trabalho acadêmico com base nele, nunca dei uma palestra acadêmica, dentro da AAA (*American Anthropological Association*), nada, nada. E o mundo acadêmico ficou de costas voltadas para mim nesse sentido. Nunca recebi nada do mundo acadêmico por este estudo e nem esperava nada.

OEm – Terá sido por que nunca foi publicado?

JIA – Não foi publicado academicamente. A única exceção, foi a referência de Stephen Cornell no seu livro sobre *Ethnicity and Race* a propósito de dois termos que usei, *assertion* and *assignment*.¹¹ E fui convidado, de vez em quando, para conferências mais informais, ou eu me colocava dentro. Fui convidado pelo Cambridge Hospital para fazer um *medical round* – levei Margarida Serpa, que era voluntária no Cambridge City Hospital. Sempre que tinham problemas com dificuldades de comunicação com portugueses, chamavam-na para traduzir. Ela contava histórias tristes sobre estas faltas de comunicação. Sempre que me convidavam para falar dos portugueses, eu tentava ir com Margarida, quase nunca aparecia sem ela. E nunca respondia a perguntas sobre o que os portugueses pensam sobre isto e aquilo. Dizia: não sei. Eu posso falar dos dados que nós colhemos e analisámos, mas eu não sou português e eu não falo em nome da comunidade portuguesa; agora a minha amiga, minha colega Margarida pode responder. De certa maneira eu dependia de Margarida e tentei abrir portas para ela num mundo em que ela antes não tinha participado.

Uma vez fomos, eu e Margarida, a uma conferência no oeste do Massachusetts, não em Boston. Estávamos todos sentados num círculo largo, eu apresentei-me e uma mulher levantou-se e disse: *Are you Jim Adler? - Yes, I am*. E ela disse: - *I sleep with your study under my pillow every night!* Era a Professora M. Estellie Smith. Que mulher forte! Nossa! Ela tinha força de vontade, uma presença poderosa, ela não era uma flor delicada, ela era um furacão.

¹¹ Stephen Cornell & Douglas Hartmann, *Ethnicity and Race. Making Identities in a Changing World*, Thousand Oaks, Pine Forge Press, 1998, pp. 72; 177-78

OEm – Onde é que ela ensinava?

JIA – Naquela época acho que ela era professora numa das escolas de SUNY.¹² Fazia antropologia marítima e tinha escrito sobre mulheres portuguesas. Ela foi uma das primeiras antropólogas a escrever sobre portugueses.¹³

OEm – Depois de ti? Creio que o seu primeiro estudo é de 1973...

JIA – Bem, sim, mas ela começou a investigação antes, a data da publicação não é a data da pesquisa. Falámos, e voltei a encontrá-la algumas vezes em encontros de antropologia. *She was a lovely and very gracious person*. E depois, um desses grupos que então faziam parte da Southeastern Massachusetts University, que depois se veio a tornar UMass Dartmouth,¹⁴ organizaram um congresso, convidaram-me e... eu fiquei tão zangado que decidi nunca mais lá voltar. Eles queriam que eu pagasse para ir a esse congresso, e lembro-me de dizer a Margarida: *I will never pay to hear people more ignorant than me talk about the Portuguese*. Isso não, isso não faço. Foi a última vez. E não colocaram o meu estudo nas bibliografias que emitiram. Foi muito frustrante.

Comecei a *graduate school*, em Harvard, em 1971 depois de ter arranjado este projeto. A única coisa que fiz com o estudo dos portugueses foi usar o computador para tratar dados num curso de metodologia; consegui uma pequena subvenção, e aprendi a usar *IBM cards* no *IBM main-frame computer* para tratar os dados. Tive de fazer *code sheets* com as respostas ao questionário e dar estas *code sheets* a uma senhora que criou os *IBM punch cards* para o computador. *So, I had a deck of 2,500 cards, you know?* E, com este primeiro estudo, fiz um projeto para este curso. Não para uma publicação, pois nunca cheguei a escrever um paper mas apenas um trabalho de um curso semestral de metodologia quando fazia o meu PhD em Antropologia. Mas fiz apenas uma estatística bem modesta, sem correlações nem nada. *Só frequency counts and cross-tabulations*.

OEm – Lembras-te do número exato de casas que trabalharam?

JIA – Sim, foram 721 *households* e cerca de 2 250 indivíduos. E deparei-me com um primeiro problema que ficou por resolver. Fui ter com os especialistas informáticos e disse: - Tenho dois tipos de dados, uns que pertencem ao *household*, família, e outros a indivíduos. Como é que os posso integrar? E eles disseram-me que não era factível. Ou você faz 2,250 entradas individuais

¹² State University of New York

¹³ Uma das primeiras publicações de M. Estellie Smith, "Portuguese Enclaves: The Invisible Minority". Paper presented at the Southern Anthropological Society meeting, Wrightsville Beach, N. C., March 1973 <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED076720.pdf>

¹⁴ University of Massachusetts, Dartmouth

e coloca os dados do *household* e repete, ou coloca por *household* e coloca indivíduo um, indivíduo dois, indivíduo três.... Mas nós não temos maneira de integrar, relacionar dentro de um programa no computador. Eles estavam tentando resolver isso para o censo de 1980, mas não foi resolvido no tempo em que o estudo foi feito.

Linda ajudou-me a codificar, Margarida ajudou-me, várias pessoas me ajudaram. Questionário a questionário, questão número 1, qual origem? E tínhamos um código para cada uma, São Miguel - 1, Santa Maria - 2, e assim por diante.

Foi relativamente simples. Eu criei tudo isso por minha conta e com o meu conhecimento de antropologia na época. Eu tinha uma base forte em *community studies*. Um dos maiores investigadores em antropologia que escreveu trabalhos importantes sobre isso foi Ward Goodenough, que foi meu mentor na Penn.¹⁵ Ele e Anthony F.C. Wallace.

Goodenough foi o que inventou *Componential Analysis*, ele era brilhante. Ele escreveu um artigo sobre como codificar os dados. E mostrou que dois antropólogos competentes podiam entrevistar na mesma comunidade e acabar com classificações de residência diferentes, por exemplo, patrilocal, matrilocal, virilocal, uxorilocal, usando aquela terminologia que saiu dos arquivos de George Peter Murdoch e da *HRAF-Human Relations Area Files*. Eu tinha aprofundado isso na Penn. Harvard não se interessava por isso, à exceção de um professor da velha guarda, John Whiting – que também foi um dos meus mentores mais próximos em Harvard. Mas outros, como Maybury-Lewis, eram mais do lado britânico, aquela etnografia profunda, aquela pesquisa em profundidade. Nada de fazer levantamentos, nem estatísticas.

OEm – Mas tu fizeste um pouco ambas as coisas, levantamento e pesquisa em profundidade...

JIA – Não, com o estudo dos portugueses, eu não fiz uma etnografia profunda como fiz com os japoneses de São Paulo. Eu apenas organizei as entrevistas e tive um certo grau de convivência com eles. Também li as poucas referências na biblioteca.

OEm – Gravaste as entrevistas?

JIA – Não, nunca. Eu fui na “marra”, com a Margarida...

OEm – O que significa “na marra”?

JIA – É Português do Brasil. Na rua, informal, na luta só para entender...sem instrução, sem aulas formais. Andei na comunidade, mas não posso dizer que tenha feito uma etnografia dos portugueses. Porquê? Eu me considero antropólogo, mas esse aqui não foi um estudo antropológico,

¹⁵ University of Pennsylvania

foi um estudo de consultoria informado pela antropologia. Não foi feito para trazer contribuições à antropologia, mas sim para dar uma contribuição à sociedade.

OEm – Mas deste uma contribuição aos estudos sobre etnicidade, foste citado por Cornell & Hartmann, no livro *Ethnicity and Race*, como já referiste...

JIA – Na época nem pensei assim. Eu já comecei a escrever sobre isso na introdução do livro que vai ser editado sobre este estudo. Não é um estudo académico antropológico. Claro que eu tinha as minhas raízes, a minha formação e autoidentidade como antropólogo. Mas não é um estudo antropológico, por isso nunca publiquei sobre isso, nem sequer numa conferência académica. Entre os dois estudos fiz uma evolução no meu entendimento de identidade. No primeiro estudo, fui um guerreiro pregando autoidentificação. Quem somos nós para definir quem é português? São os portugueses quem tem de dizer quem é português. Eu estava 100 % naquele lado. Entre os dois estudos, cheguei a esse entendimento maior e melhor que tem dois lados. Um lado sai da sociedade, que tem suas categorias, que tentam impor e, por outro lado, um grupo tentando se definir. Identidade no sentido total está na relação entre estes dois polos ao encarar o problema. A única pessoa em Harvard que se interessou pelo meu estudo foi o Stephen Cornell, que era um jovem professor de sociologia interessado nos povos indígenas dos Estados Unidos. Sociólogo naquela época não fazia isso. Indígena não era o alvo do sociólogo, era a terra dos antropólogos. E os antropólogos, por seu lado, não se interessavam pelos grupos étnicos que ficavam do lado dos sociólogos. E uma vez ele pediu ajuda, um favor. Ele teve uma aluna nas suas aulas em Harvard que não encontrava espaço social. E ele era professor dela e ela escreveu um paper dizendo como é que sofria. Não encontrava comunidade em Harvard. Então eu cheguei a conversar demoradamente com ela. Ela era do Midwest, não da costa. O pai dela era branco e a mãe negra. E ela tinha uma história dentro da família desde a Guerra Civil, do século XIX, de casamentos entre raças. E ela disse, "Eu vou negar a minha história? Eu vou recusar reconhecer meu pai, que me criou, que me adora e tudo isso? Não, eu não posso deixar nem um lado nem outro". Naquela época eu já tinha juntado o meu nome com o sobrenome da Linda, você sabe, o primeiro estudo eu era Adler, porque em 72 depois de publicar isso, nós formalmente, legalmente e juridicamente, juntamos os dois nomes – e passei a chamar-me Ito-Adler. Depois de eu contar esta história ela ficou tão satisfeita.... Então, ele, professor Cornell, e eu ficamos muito, muito amigos, ele é muito bom. E ele pegou esse negócio de autoidentidade, *assertion*, e de *assignment*, a identidade imposta. E saiu no livro dele. Foi o único académico sério que reconheceu a minha contribuição formalmente. Outros académicos usam termos que cobrem a mesma distinção, mas o meu soava bem, dava para lembrar. Foi no segundo estudo que eu mudei de ideias. Não é que tenha lançado mão de autoidentificação, mas ficou mais bem entendido como uma relação entre os dois. E ele pegou isso e publicou no seu livro.

OEm – Portanto, em 1971 fizeste um estudo, publicado em 1972, e em 1976 fizeste outro, publicado em 1977, em que atualizaste os dados e incluíste Somerville, cidade vizinha de Cambridge, MA. Como surgiu este segundo estudo? Foi a cidade de Somerville que te pediu?

JIA – Penso que foi uma mistura de COPA e SPAL, não me lembro exatamente...

OEm – E qual foi a receção do primeiro estudo? Entregaste na cidade de Cambridge, houve comentários? Como é que eles divulgaram?

JIA – Eles divulgaram, sim. Foi impresso no departamento, a Juanita Ward, que era empregada da prefeitura (Câmara Municipal) datilografou. Elizabeth Hepner, que também era empregada do departamento, fez a revisão. Eles publicaram e distribuíram.

OEm – Lembras-te quantas cópias fizeram? Foi para bibliotecas?

JIA – Nem sei... Saiu através do departamento da prefeitura. Quem lá fosse, na época, eles ofereciam de graça uma cópia, a quem se interessasse. Eu não sei o que COPA fez para ficar com cópias, não me lembro exatamente.

OEm – Não houve nenhuma reunião pública, nenhuma apresentação do estudo?

JIA – Nada. Não, foi tudo através da *City*.

OEm – E, na tua opinião, este estudo influenciou de alguma maneira a política da cidade de Cambridge relativamente aos portugueses?

JIA – Sim. Influenciou positivamente a relação com os portugueses. Houve diretores na COPA que utilizaram bastante. Você tem de se lembrar, que essa foi uma reação às falhas do recenseamento nacional. Ninguém ficou satisfeito com os resultados do Censo sobre os portugueses, em 1970. Todo mundo sabia que os dados do Censo não mereciam confiança, por várias razões. A razão por que prestei tanta atenção à definição de etnicidade, era porque a maior falha do Censo era na questão “qual é sua identidade?”. Português não tinha espaço: ou colocavam como hispânico, que eles rejeitavam, ou num grupo não reconhecido como um grupo que merecia uma classificação. Então, a luta naquela década de 70 era colocar os portugueses no mapa da consciência nacional dos grupos étnicos. Essa foi nossa luta. E os diretores de COPA utilizaram até ao máximo os dados desta pesquisa.

OEm – Que interessante...essa continuou a ser a preocupação da MAPS. Em 2009, quando vim pela primeira vez a Boston, lembro-me bem da luta da MAPS para que a contagem do Censo desse visibilidade, nessa época, aos *Portuguese Speakers*...

JIA – Claro, porque sem números você não ganha recursos. Tem de provar que tem os números. Mais tarde, através de *Boston Redevelopment Authority (BRA)*, Álvaro Lima criou um espaço

brasileiro em Boston e em Massachusetts para luso-falantes. Claro que a maioria eram brasileiros. Já não se interessavam por portugueses naquela época. Porque o censo tem dois lados: um é o Censo Nacional, que buscam fazer uma contagem a 100%; nunca conseguiram, e tem vários truques estatísticos de preencher esses vazios, mas a ideia é uma contagem de 100%; o outro é *The American Community Survey*, que em cada cinco anos faz uma amostra aleatória de *households*. Saiu em 75, em 85 e, Álvaro Lima, que trabalhava na estatística em Boston, analisou os dados do *American Community Survey*. O que foi interessante, claro, eu conheci-o, é um cara muito inteligente. Ele era afiliado do Thomas Menino, que foi um *mayor* muito forte de Boston, e o Álvaro Lima tinha base no *Boston Redevelopment Authority* que tinha recursos e tinha peso. Eu me dava muito bem com ele.

Depois, eu tive duas experiências, meio acadêmicas, com a comunidade portuguesa. Uma foi com seu querido colega Gilberto Velho. Eu já falei, né? Nós fomos lá para uma reunião – eu acho que foi na COPA – com ele e com Yvonne Maggie, eu acho que era a esposa dele na época. Para mim, ele era um pouco auto importante, mas não é que não fosse inteligente – era demais! – academicamente falando, muito forte mesmo. Ele estava pensando fazer um estudo com os portugueses de Cambridge e queria que eu o apresentasse à comunidade. Mas eu não era dono dos portugueses, eu não era o *gatekeeper*, não era eu que podia dizer "você pode, você não pode". Não queria fazer esse papel. Mas eles confiavam em mim e, se eu pedisse, eles aceitavam recebê-lo. Então, levei ele para uma reunião com esses velhos açorianos, imigrantes, micaelenses na maioria. E eu apresentei-o – gostaria de apresentar o professor Gilberto Velho, é um professor de antropologia no Brasil que está interessado na comunidade. Aí, ele deu uma palestra que no Brasil, no meio acadêmico, teria sido ótimo, com aquela linguagem carioca da alta, bonita, e eles ficaram... O que é isso? E disseram-me: "James, a gente não entende. O que é que ele quer?", "Não sei, fica com vocês de decidir". E no fim, ele fez uma entrevista com uma portuguesa, uma jovem secundarista... você leu, né? que ele publicou muitos anos depois...¹⁶ não sei, não... ela era da Terceira, de uma família totalmente diferente do resto da comunidade. Quer dizer... não é que não fosse bem feito, mas não representava a média. Mas eu nunca escreveria nada negativo sobre o estudo.

O segundo caso foi pior. Um amigo meu que era ex-voluntário de paz, aluno de sociologia, teve um projeto sobre alcoolismo e ele queria fazer um estudo entre os portugueses. Ele pediu, eu ajudei a facilitar o estudo. E na comunidade se zangaram, ficaram com raiva do estudo, não gostaram. Ele era um *graduate student* de Sociologia, em Harvard, e conseguiu fazer, era um

¹⁶ Gilberto Velho, 1994, "Trajetória individual e campo de possibilidades". In *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 31-48.

projeto de escola. Ele era um grande amigo, mas eles não gostaram. E falaram para mim "James, nunca mais faça isso de novo."

OEm – Esse estudo foi publicado?

JIA – Não sei. Foi um trabalho dentro de um projeto de pesquisa, eu lavei daí as minhas mãos... Mas, na comunidade, me pediram para eu nunca fazer isso, e desde aquela data nunca mais forneci uma amostra para ninguém. Teve um médico que queria fazer uma pesquisa sobre uma doença conhecida na época *Saint Michael's disease*, que é uma doença genética.¹⁷ Aí eu falei "Nossa, não, eu não estou vendendo amostras". Tem COPA, tem SPAL, você pode ir lá, mas eu não. Eu não vou fazer isso, nunca mais fiz.

OEm – MAPS,¹⁸ agora, depois da fusão entre COPA e SPAL, nos anos 1990...

JIA – Sim, depois mudaram para MAPS. Eu falei a mesma coisa para você. Eu acho que MAPS foi a única saída, mas na realidade nunca achei que o idioma, que a língua servia como base suficiente para o longo prazo, porque a língua estava desaparecendo e nos únicos lugares em que estava subindo, era com brasileiros. Então, na época (1990) resolveu o problema: dei uma década de existência para MAPS poder trabalhar entre brasileiros, portugueses e cabo-verdianos. Era o único jeito. Mas no longo prazo - e quando você chegou aqui, foi a base teórica de seu trabalho, será que o idioma servia? foi essa a sua pergunta. Eu falei abertamente. Não, não me parece factível ao longo prazo. E nem por isso recusei ajudar você, mas nunca tive fé nessa ideia. Serviu no curto a médio prazo, foi a única forma das organizações sobreviverem.

OEm – Falando agora um pouco sobre a tua tese de doutoramento,¹⁹ iniciada depois deste estudo. Disseste-me que a tua tese sobre famílias japonesas em São Paulo, Brasil, se afundou como uma pedra na água...

JIA – Pois é. Então, os japoneses de São Paulo, na indústria de avicultura, não eram pobres, nem camponeses, eram até milionários. Saíram-se muito bem na agricultura de São Paulo. Quando chegamos em 1975, eu e Linda, eu soube que a Ruth Cardoso, antropóloga, tinha escrito uma tese de doutorado na USP sobre os japoneses de São Paulo. Entrei em contato com ela, ela me convidou para o apartamento dela em Higienópolis, bairro nobre, e passámos um dia correndo atrás dessa entrevista com ela.

¹⁷ Hoje é conhecida como "*Machado-Joseph disease*, a rare neuro-degenerative disease, but more common among Azoreans" (<https://www.bostonglobe.com/2026/02/18/magazine/machado-joseph-disease-genetic-research/>)

¹⁸ MAPS – *Massachusetts Alliance of Portuguese Speakers*, resultou da fusão de COPA e SPAL [ver notas 9 e 10] numa única organização, em 1993, com a sua sede administrativa em Cambridge, MA.

¹⁹ James Ito-Adler, 1987 *Japanese Family Enterprises in Brazil*. PhD thesis, Harvard University, Cambridge MA

OEm – Já era casada com Fernando Henrique Cardoso?

JIA – Claro, já fazia tempo. E eles nos convidaram, gastamos um dia a viajar entre São Bernardo do Campo, onde a gente morava, numa colônia japonesa, até Higienópolis, um dia de viagem lá, ida e volta, e chegamos no apartamento dela, o Fernando Henrique estava lá, e ela diz "James, aqui é meu marido, o Fernando Henrique, muito bom conhecê-lo", mas ela era antropóloga e ele sociólogo. Eu já conhecia o trabalho dela, me interessava, e ela me deu um exemplar em xerox da tese dela. E estava bem escrita, ela analisou os dados de um recenseamento da colônia japonesa, que é um dos melhores recenseamentos feito em qualquer canto do mundo, como só os japoneses podiam fazer, em 1968. Quer dizer, eles entraram em contato com quase 100 % dos japoneses dentro do Brasil e os dados são riquíssimos. E ela analisou mais ou menos da mesma maneira que eu fiz. É que na minha tese falo que são dois caminhos para a ascensão social. Um, que ela tocou, é urbanização e educação superior. E uma parte dos japoneses fizeram isso. Enviaram os filhos para a universidade, para serem engenheiros, farmacêuticos, etc. E outro caminho era elevar sua empresa simples tornando-a uma empresa de porte, uma sociedade anônima, uma grande empresa – e os parentes da minha esposa, os Itos do Brasil, tinham a maior granja na América Latina, quer dizer, eram milionários.

OEm – Foste pioneiro mais uma vez...

JIA – Faltavam décadas para isso sair como assunto em antropologia. A única coisa que eu levei do estudo português, das coisas que eu descobri na pesquisa dos portugueses – e acho que fui um dos primeiros a falar abertamente, francamente – foi o foco em estratégias familiares. Quer dizer, havia estratégia do grupo étnico e estratégia individual, mas ninguém falou de famílias como tendo uma estratégia familiar. São dois grupos que eu conheço, os portugueses de Cambridge e os japoneses, por várias razões. Então, eu trabalhei essas estratégias familiares. Louise Lamphere quase tocou nisso,²⁰ mas na verdade ela se interessava por assunto femininos como o título do seu livro indica. Há várias pessoas que se aproximaram, mas ninguém falou exatamente em termos de estratégia familiar.

Porquê? Porque falando de *systems theory*, há níveis de identidade. Tem um nível individual, um nível de grupos domésticos, um nível de grupos étnicos e o nível da sociedade. Qualquer nível que você escolher estudar, tem de lembrar que abaixo do caso que você pegou, tem grupos menores disputando aquele terreno e, em cima, tem um contexto maior. Então, qual é a crítica que se faz no meu estudo? Primeiro, você pegou portugueses de Cambridge. Cadê os portu-
gue-

²⁰ Louise Lamphere, 1986 "From working daughters to working mothers: production and reproduction in an industrial community." *American Ethnologist* 13 (1): 118-130. [also, the title of a book published by Cornell University Press, 1987]

ses de Fall River? Os portugueses de New Bedford? De California e Hawaii? Quer dizer, sistematicamente falando, existe no mesmo nível, mas diferentes. Em baixo tem famílias de São Miguel, do continente, diferenças abaixo de seu nível. E, em cima, tem imigrantes de *blue collar, working class*, que inclui outros grupos étnicos, tais como os italianos, os irlandeses, os poloneses etc., e tudo que você fala é português? Não. Pode ser verdade sobre todos os grupos do mesmo tipo. Então, cada estudo que você faz, você tem de encaixar no contexto superior e inferior em termos de *systems theory*. E, se você é um médico, tem um corpo, mas em baixo tem um sistema de sangue, o sistema de pulmões, e em baixo disso tem órgãos individuais, e depois tem corpúsculos, em cima tem população. Então, para mim essa é uma das verdades do mundo real e você tem de lidar com isso quando você escolhe uma unidade do estudo.

OEm – Mas alguma vez te criticaram por só estudares portugueses em Cambridge?

JIA – Não, mas houve uma onda de crítica contra os estudos da comunidade. Comunidade é pequena demais. O que você pode dizer sobre Brasil, se você passou dois anos numa aldeia pequena? - é a crítica de sociólogos contra a antropologia tradicional. Maybury-Lewis e Gilberto Velho tentaram reagir a essa crítica. Para mim, Maybury-Lewis nunca teve muita saída. Estava tentando partir para um estudo comparativo das elites tradicionais do Nordeste, mas abandonou este projeto. Teoricamente falando, ele teria que partir para a sociologia, a história, a economia política e poderia lidar com o marxismo e tudo isso. Foi isso que Anthony Leeds estava tentando resolver também... Quer dizer, Anthony Leeds, tentou se lançar como um teórico dentro da antropologia urbana e de sociedade total. Não só no Brasil rural – pois ele iniciou os estudos no meio rural – nem do urbano. Ele queria juntar o urbano, o rural e estudar Brasil como um todo. Mas penso que não chegou a ter peso teórico.

OEm – Gosto muito de Anthony Leeds...

JIA – Eu também, mas ele... e Elizabeth Leeds, a mulher dele, outra história difícil. Ela era de MIT. O Tim Sieber e Roger Sanjek publicaram *City, Class and the Social Order*,²¹ e eu fiz um *review article* que foi publicada no *American Anthropologist*, você já leu?

OEm – Não! Podes enviar-me?

JIA – Eu vou mandar. Gastei meses de trabalho. Eu tinha de analisar três livros. O livro de Tim e Roger sobre Anthony Leeds, outro sobre Nova York, escrita pela mãe de uma colega, uma fa-

²¹ Roger Sanjek, 1994 *Anthony Leeds. City, class and the Social Order*, Cornell University

mosa socióloga, Janet Abu-Lugod, e um terceiro de um antropólogo haitiano. E eu tinha de juntar todos os três sob o título de estudos urbanos.²² Trabalhei três meses, querendo fazer justiça. Porque eu conhecia Anthony Leeds e Tim Sieber.

OEm – Como conheceste Anthony Leeds?

JIA – Ele estava em Boston University, me convidou para a casa dele, um seminário informal que ele fazia, eu apresentei a minha pesquisa sobre japoneses ele me mandou três páginas de notas e comentário. Mas o fim da vida dele foi difícil. Ele ficou um pouco perdido, no fim da vida, ele foi...eu não vou dizer rejeitado, mas nunca recebeu a estima que ele pensava que merecia, está entendendo? E no fim da vida, ele partiu para a fotografia e poesia. Ele se apresentou como fotógrafo e poeta.

Então, eu tinha de lidar com tudo isso, dar a ele o que ele merecia, não passar por cima disso. Então, trabalhei muito para ser justo. E, no final, Elizabeth Leeds falou para alguém que passou para mim: ela adorou o artigo. Ela disse que foi a melhor coisa escrita sobre Anthony e que nunca, ninguém, tinha tratado assim, ele e o trabalho dele. Mas o problema dele... ele fazia parte da geração de brasilianistas de Columbia University, ele fez o doutoramento em Columbia. E ele saiu no meio dessa turma que era brilhante, uma turma de grandes figuras – Charles Wagley, Marvin Harris, Robert Murphy, que eram quase deuses na antropologia da época. E ele nunca recebeu a estima que ele pensava que merecia, mas teoricamente falando ele não chegou aos calcanhares deles. Marvin Harris publicou um livro chave, *The Rise of Anthropological Theory* (1968) e dominou; Robert Murphy era brilhante juntando a psicanálise e etnografia. Veja bem, a sociologia era urbana, industrial, moderna; a antropologia era rural, indígena, camponeses, exótica. Um subcampo de sociologia é sociologia rural, que fica ao lado, não tem aclamação. Não é respeitado. É um subcampo. Antropologia urbana, a mesma coisa. É um subcampo, lutando para um lugar no sol.

Fazer pesquisa de campo não é nada fácil. Eu compreendo isso, porque às vezes a tua curiosidade leva-te para além daquilo com que as pessoas se sentem confortáveis. A Ruth Cardoso tem uma frase lindíssima na tese dela: “Tentei fazer entrevistas aos japoneses, para além dos dados a que já tinha acesso, e eles eram lacônicos ao ponto de simplesmente não responderem.”

E não há nada como um imigrante japonês na agricultura para não querer responder a perguntas. Comigo, eles não tinham grande escolha, porque eu estava próximo, suficientemente próximo. Mas foi muito difícil publicar a minha tese, porque eu tinha informação que, para o antropólogo são apenas dados, mas para os japoneses eram segredos de família. Eram tão fechados...

²² James Ito-Adler 1996 “City Ways and Means” *American Anthropologist*, 98(2), 417-419. <https://doi.org/10.1525/aa.1996.98.2.02a00240>

Eu cometi muitos erros. E não percebia porque é que as pessoas ficavam tão desconfortáveis. A minha mulher tentava explicar-me, porque não está nas palavras. Está na linguagem corporal. E entrevistámos um jovem. Ele disse: “Ah, o senhor é autor.” Depois disse, modestamente: “Eu também sou autor. Escrevi livros infantis. Tenho receio de que sejam mais para adultos do que para crianças, mas fazia-me o favor de os ler e dizer-me o que acha?” Eu aceitei. Ele era jovem, bem para frente, tudo em português. E eu disse, “*Beautiful!* Mas, você sabe, você estava certo: a língua realmente é mais para adultos do que para crianças.” E ele começou piscando os olhos. E Linda chutou na minha perna de baixo da mesa e depois disse-me que ele estava quase chorando: “Ele falou isso para você, é uma indicação de que isso é terra onde você não devia ir. Ele já mostrou a fraqueza, já mostrou a sensibilidade e é melhor, quando alguém fala assim, não tocar nisso”. Eu tinha pensado o contrário, que ele já tinha falado, então que era seguro, devolver as palavras dele, sutileza que vai além das palavras.

OEm – Foi por causa dessa sensibilidade que tu tens que conseguiste fazer o estudo sobre os portugueses. Conseguiste respeitar tudo isso.

JIA – Mas eu não fiz um estudo etnográfico.

OEm – Mas tem muita etnografia.

JIA – Nunca perdi a sensibilidade etnográfica. Mas não entrei dentro da dinâmica da família para lá de um certo ponto. Foi um estudo rápido. De consultoria. E os meus contatos dentro do coração, foram através da minha esposa. Ela trabalhava no pré-escolar, numa creche, com uma professora portuguesa e convites que nós recebíamos para jantar com famílias, festas familiares eram com ela. Então, o nosso casamento, teve uma festa de receção num clube português arranjado pelos amigos dela. *Cambridge Portuguese Sports Club*, em Cambridge Street. E as receitas! Essas senhoras ensinaram Linda como fazer vários pratos, inclusive sopa portuguesa, tortas de atum.

OEm – Estavas bem interconectado com a comunidade...

JIA – Não eu, mas Linda. Então, tinha de ter cuidado com isso. Queria mostrar o “lado bonito” dos portugueses. Não que eu não conhecesse coisas negativas, mas isso não era o meu papel. Era o de defender o que tinha de bom, e tinha muito de bom. Por exemplo, eu podia apresentar os dados do grau de instrução dizendo que eles eram o povo mais ignorante e com menos educação formal de todos os grupos de Cambridge, mas eu nunca disse isso nesses termos, nunca. Deixei para quem lesse perceber.

Bom, aí teve uma figura de Goa, na escola. Eu acho que o nome dele aparece aí. Eu queria fazer um estudo dentro da escola (sistema de Cambridge). Fiz uma proposta antropologicamente in-

interessante, que partia do facto de que faltava educação superior à grande maioria dos portugueses. Contavam-se pelos dedos de duas mãos os ingressos da educação superior. Vamos fazer uma pesquisa entre esse grupo. E ele me disse: “Pesquisa dentro do sistema da escola precisa de seis meses para ganhar licença para entrar”. Não tenho seis meses para entrar. Eu queria entrar, fazer entrevistas... “a gente não deixa, se você viesse da escola da educação, mas você é independente”.

OEm – Finalmente, uma pergunta sobre a capa do estudo, que tem uma Cruz de Cristo. E há um agradecimento ao vice-cônsul Carlos Nunes pela sugestão. O consulado de Portugal contribuiu de alguma maneira para este estudo?

JIA – Não, nada.

OEm – Como surgiu esta imagem aconselhada pelo Vice-Cônsul de então?

JIA – Não me lembro como é que a gente se encontrou. E nem sei se fui eu que tive essa conversa ou alguém, não sei, penso que ele disse que a Cruz de Cristo é a marca de Portugal. Claro que aparecia em vários cantos, sobre esses monumentos que os portugueses ergueram, como o meu amigo Guilherme Azevedo escreveu.²³

OEm – Nessa época era o fim, praticamente, do Estado novo em Portugal.

JIA – Claro, porque entre o primeiro estudo e o segundo, o Império caiu, e os cabo-verdianos ficaram independentes. E na segunda pesquisa, pensávamos que íamos encontrar mais pessoas das ex-colónias portuguesas de África, mas não encontramos moçambicanos, angolanos, não encontramos o que esperávamos encontrar. Ou muito poucos. Entre os dois estudos começaram a chegar mais pessoas instruídas do continente. Antes, em 71, havia apenas um advogado cabo-verdiano, respeitado, e reconhecido dentro desses grupos de alta categoria. E um médico. Fim da história. Todos os que tinham licenciatura, trabalhando, eram brasileiros.

Vi o vice-cônsul uma vez. Ele era muito gentil, muito articulado, instruído. E, sinceramente, não me lembro onde foi. Talvez tenha sido na COPA. Talvez alguém lhe tenha dito que havia esse estudo. Não sei... Victor do Couto, diretor da COPA, era muito assertivo. Eu já o conhecia há anos. Ele sabia como funcionava a política americana. E soube tirar o melhor proveito do estudo, porque eu ia com ele a essas reuniões de planeamento do censo. E ele levava o estudo e dizia:

²³ Guilherme Azevedo, 2018 *The Imaginary Empire. Portugal between two globalizations*, Cambridge, MA: Cambridge Institute Press.

“Olhem, vocês enganaram-se. Aqui está o meu antropólogo”. Os portugueses não eram agressivos, mas o Victor era bem agressivo, à maneira americana: “Vocês têm de fazer melhor. Nós sabemos melhor. O vosso censo de 1970 não foi bom. Deixaram muita gente de fora.”

E, anos mais tarde, o *Census Bureau* criou um *Undercount Bureau* no seu interior. Depois abriram um concurso para projetos voltados para grupos sub-representados. Eu fiz uma proposta, mas não podia apresentá-la como indivíduo; tinha de ser em parceria. Então, havia uma antropóloga visitante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em Harvard, que estudava povos indígenas com o Maybury-Lewis. Era brasileira. Ela aceitou ser coautora. Fui eu que escrevi a proposta.

OEm – Lembras-te do nome dela?

JIA – Vou ter de procurar, talvez encontre... Já faleceu. Ela era investigadora visitante e quando chegou à altura de submeter a proposta, ela disse: “James, não posso avançar. Tenho medo de que a CIA consiga esses dados e faça isto e aquilo...”. Então ela recusou. E, nessa altura, já era tarde demais para eu refazer tudo. Ela tinha aquele medo da CIA que muitos brasileiros instruídos tinham... Portanto, não fizemos o projeto. Isto foi em 1978, era para o censo seguinte, de 1980.

Depois disso, um dos meus alunos viu o estudo sobre os portugueses. Eu era *Teaching Fellow* num curso sobre *Native Peoples of America* e ele queria fazer uma investigação sobre os indígenas em Boston. Ele estava ligado ao *Boston Indian Council* e disse-lhes: “O meu professor fez um estudo sobre os portugueses.” Então ele levou o meu estudo, e eles disseram que queriam conhecer-me, porque gostariam que eu fizesse um estudo sobre os indígenas norte-americanos semelhante ao estudo que tinha feito sobre os portugueses. E eu fiz. Não me arrependo nem por um segundo de o ter feito.

Agradeço muito a você, Graça, pelo interesse e dedicação em lembrar este estudo e ao Observatório em divulgá-lo. Depois de meio século é gratificante ele não ser esquecido! Estou feliz por saber que a comunidade portuguesa não vai desaparecer das páginas académicas!

[Entrevista realizada em Harvard University Campus, Cambridge, Massachusetts, USA, a 30 de outubro de 2025, revista para publicação em maio de 2026.]



Observatório da Emigração

O Observatório da Emigração é uma estrutura técnica e de investigação independente integrada no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte, Instituto Universitário de Lisboa, onde tem a sua sede. Funciona com base numa parceria entre o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, do Iscte, o Centro de Estudos Geográficos, da Universidade de Lisboa, o Instituto de Sociologia, da Universidade do Porto, e o Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações, da Universidade de Lisboa. Tem um protocolo de cooperação com o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Série	OEm Conversations With, 39
Título	Os portugueses no mapa étnico dos Estados Unidos (1970-80): entrevista com James Ito-Adler
Autor	Graça Índias Cordeiro
Editor	Observatório da Emigração, CIES, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa
Data	Mai de 2026
ISSN	2183-4385
DOI	10.15847/CIESOEMCW392026
URI	

Como citar Cordeiro, Graça Índias (2026), “Os portugueses no mapa étnico dos Estados Unidos (1970-80): entrevista com James Ito-Adler”, *OEm Conversations With*, 39, Observatório da Emigração, CIES, Iscte, Instituto Universitário de Lisboa. DOI: 10.15847/CIESOEMCW392026

www.observatorioemigracao.pt

cies _ iscte
Centro de Investigação
e Estudos de Sociologia

IGOT Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

IS INSTITUTO DE
SOCIOLOGIA
UNIVERSIDADE DO PORTO



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

**COMUNIDADES
PORTUGUESAS**